

SIMPLICIDADE E FESTA, COMBATENDO O DESAFETO

Circe Macena de Souza¹

2º. Ano do Ensino Médio - Extensão – Rua Ernesto Pedro dos Santos, 398

Jockey Club – Fort/CE – (85) 3290.2673 – e-mail: circe_ms@hotmail.com – IFCE

Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica

Cynthia Teixeira Brito²

Graduada em Processos Gerenciais, Rua Tibúrcio Albano 454 –Pici

Fort/CE – (85) 3290.5896 – e-mail: cynthiabrito6@hotmail.com – IFCE

Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica

Lourdes Macena (Orientador)

Profa. MS. IFCE - Rua Ernesto Pedro dos Santos, 398

Jockey Club – Fort/CE – (85) 3290.2673 –lourdesmacenacnf@gmail.com

Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica

Palavras chave: danças, folguedos, festas

Simpósios: 1. Danças e festas populares

RESUMO

O trabalho em desenvolvimento trata-se de uma pesquisa que busca compreender a motivação que impulsiona homens e mulheres simples do nosso povo para expressarem alegria infinita em manifestações populares dançadas, cantadas e/ou rituais e na forma de como estas minimizam o sofrimento cotidiano. Estamos investigando o que impulsiona o homem, depois de um dia duro de trabalho, a buscar alívio na brincadeira e no rito da festa. Até o momento nossas observações indicam que essas expressões influenciam no sentido social da vida dessas pessoas, proporcionando o crescimento psicológico, pessoal, físico, social e uma maior expectativa de vida.

¹ Aluna Iniciação Científica projeto Mira Ira – laboratório de vivências do Grupo de pesquisa em Cultura Folclórica Aplicada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFce

² Aluna Iniciação Científica projeto Mira Ira – laboratório de vivências do Grupo de pesquisa em Cultura Folclórica Aplicada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFce

INTRODUÇÃO

A globalização, o grande engolindo o pequeno, a disputa, a competição, o modismo, o interesse, a ausência de amigos, a não preocupação com o outro, a ausência de solidariedade, tudo isso faz com que o homem atual tenha dificuldades no seu dia-a-dia acarretando grande estresse e problemas de saúde entre outros. Enquanto o homem contemporâneo têm esses problemas, o homem simples enfrenta outros, como a fome, o desemprego, a injustiça social.

Entretanto, apesar da vida difícil, percebemos nestas comunidades humildes uma grande força de viver impulsionada por meio de suas brincadeiras, de sua festa informal, de seus reisados, bumba-meu-boi, cantigas de roda, etc; fortalecendo um mundo invisível que a sociedade moderna teima em não ver.

Desenvolvemos este trabalho em três partes, onde na primeira destacamos o que são festas, folguedos e danças populares, enfatizando a força que estes elementos dão para o homem. Na segunda parte abordamos as demandas sociais do povo simples que tem a maior participação nas manifestações folclóricas. Na terceira, temos o resultado das entrevistas, onde mostraremos a fala de alguns brincantes sobre a força que a festa e a dança lhes proporcionam.

O percurso metodológico ocorre com pesquisa bibliográfica em temáticas como festas, folguedos e danças populares, baseados em autores como Oswald Barroso, Pellerini Filho, Alceu Maynard, Aglaé D'Ávila, Câmara Cascudo, observando neles a questão de sua autonomia, encantamento e a sua brincadeira, como motivo de esperança para o povo simples. Buscamos compreender como estas servem para minimizar as dificuldades encontradas no dia a dia. Utilizamos também a observação participante em grupos populares como o Boi Ceará do Mestre Zé Pio e na festa do Pau da Bandeira na cidade de Barbalha no Ceará, além de diário de campo, registro imagético e entrevista semi estruturada. A partir das informações levantadas, é visível que estas brincadeiras funcionam como uma forma de desprendimento, uma válvula de escape no universo simples de algumas comunidades do estado do Ceará.

1. Festas populares, folguedos e danças – folia que o povo dá a si mesmo

Festas Populares são festas feitas pelo povo e para o povo, onde a comunidade se une e faz uma grande comemoração a um santo, por exemplo. Assim como as Festas de São José, ou mesmo as festas de santos não canonizados pela igreja como a de Yemanjá. Macena Filha (2002) enfatiza:

“A festa é um complexo onde tem lugar uma intensa interação social e um conjunto de atividades, ritos, uma profunda transmissão de mensagens e um desempenho de coisas peculiares que não se encontram em nenhum outro momento da vida comunitária, carregadas de afetividade e de emoção, de forma a estabelecer um ambiente de ação social inconfundível”.

Segundo Oswald Barroso (vídeo s/d), o povo cearense gosta muito de festas, pois percebe que a vida é passageira, assim, prefere não levá-la muito a sério. A festa é onde tudo é sagrado, por mais que seja profano ou não. A festa é uma forma de viver outro mundo, é feita para renovar a vida, é para todos.

Já Alceu Maynard (1973) diz que... “o baile, a procissão, o préstito, a liturgia, o exibicionismo... As festas tiveram uma origem comum: uma forma de culto externo tributado a uma divindade, realizado em determinado tempos e locais desde a arqueocivilização.”

A dança é a forma mais simples de libertação, é uma tentativa de expressar o que sentimos, por mais que seja em um barzinho ao cair na noite ao som de um forró, ou em uma grande apresentação. Pelegrini Filho (1986) diz que:

“A dança é o movimento dentro de um ritmo [...] acompanhada muitas vezes de música, [...], onde os dançantes como tal agem assim para expressar certos sentimentos ou para distrair o espírito. No caso de danças folclóricas, elas são formas de determinado agrupamento humano expressar seu íntimo por meio de movimentos rítmicos do corpo, funcionando também como laços de integração social.”

Aglaé D'Ávila(2003) afirma “qualquer que seja o país, a época, a cultura, a religião, o homem sempre encontra uma forma de dançar. E pela a dança ele conta a história do seu desenvolvimento, revelando sua cultura.”

Folguedos são manifestações que envolvem dança, música e teatro, onde um homem qualquer encontra seus elementos mais bobos, mais engraçados, para compor um personagem como o Mateus do Bumba meu boi e dos Reisados. A maioria dessas manifestações tem um papel social, pois ela possibilita ocupação do tempo em atividade saudável, brincante e recreativa possibilitando provavelmente o afastamento de jovens em situações de risco do uso de drogas,

envolvimento com o crime, etc; como é o caso do Bumba meu Boi e Reisado do Mestre Zé Pio, que se une cotidianamente na Barra do Ceará, em Fortaleza, para ensinar o que aprendeu com seus antepassados sobre bois e reisados, envolvendo a juventude nesses folguedos, tornando-os cada vez melhores, e não deixando essa manifestação desaparecer.

São várias expressões culturais presentes nas comunidades que servem de motivo para o envolvimento e extravasamento da alegria e da felicidade coletiva como bem destaca Altimar Pimentel (2003) citando como exemplo o Cassemiro Coco (mamulengo), o cordel, o embolador, fandango, a folia do Judas, os papangus, os dramas entre outros.

O mundo é dividido por classes sociais onde estão os dominantes e os dominados (sociologicamente falando). Popularmente classificamos estas como a classe alta (a que detém o poder econômico), a classe média (de poder aquisitivo mediano), e a classe baixa (com pouco poder aquisitivo ou nenhum). Hoje existe um mundo desconhecido pela grande maioria da classe alta e média, abordado pela mídia só para mostrar suas misérias e infortúnios. Um mundo do povo que luta e sofre por uma vida melhor, buscando oportunidades ou não vendo oportunidade nenhuma cria a sua própria forma de sobrevivência. Gente que faz de suas necessidades o motivo de sua inventiva e criação cotidiana para solucionar ou minimizar seus problemas. Muitos não sabem que atrás dos “barra pesada”¹, que falam sobre desgraças quase sempre em locais onde o povo humilde reside; existe um grupo de boi, de reisado, existem mestres populares, que hoje vivem e revivem seus momentos de festas, fazem e mostram a cultura para as pessoas, reconstroem e solidificam o que seus pais ensinaram.

Em épocas passadas, muitos pais podiam trabalhar na roça, e passar o dia todo embaixo de um sol muito quente. Seus pés podiam estar cheios de calos e suas mãos feridas de tanto pegar na enxada, mas toda noite, ou depois de todo o seu trabalho eles iriam brincar, dançar, cantar e tocar juntos. Contavam piadas, riam e se fortaleciam pela festa cotidiana que suavizavam suas feridas.

Antigamente na época da escravidão depois de todo trabalho, ou de chicotadas dadas por seus senhores, os negros escravos e posteriormente seus descendentes, se fortaleciam nas rodas dançando jongos, tambor de crioula, cocos; jogavam capoeira; cantavam e tocavam os seus tambores. Era assim que esse povo conseguia força para enfrentar os seus patrões no outro dia.

E hoje, apesar das dificuldades de uma periferia que enfrenta problemas de criminalidade juvenil, baixa renda e poucas opções de lazer encontramos nessa mesma periferia um boi que encanta crianças, e jovens que dá oportunidades de diversão e lazer, de sociabilidade (capacidade de fazer amigos), além de desviar jovens do caminho das drogas e da criminalidade. Assim, eles se divertem e estão seguros, porque seus pais confiam nos ensinamentos do mestre. Esses jovens se sentem mais responsáveis, pois se tornam a atração da comunidade, por mais que não saibam se tornam agentes transformadores e encaminhadores de alegria.

Câmara Cascudo no seu livro *Literatura Oral no Brasil* (1984), descreve sobre o Bumba-meu-Boi e diz que:

“De importância social, psicológica, um depoimento precioso para a ‘constante’ intelectual do mestiço brasileiro o Bumba-meu-Boi é superior a qualquer outro dos autos pela variedade, multiformidade das fisionomias fixadas e dos episódios criticados. É uma comédia dos erros [...], com mais de cem anos de vida. Vida no sentido de ampliação, aglutinação e movimentação social.”

A festa, a dança, a música, a brincadeira é o que sempre fortaleceu e uniu o povo e mantiveram seus elos, seus laços afetivos. São estes elementos, que possibilitam a força para enfrentar o dia-a-dia. É por isso que quem faz a festa, quem brinca se preocupa para que ela não acabe, e por isso repassa seus saberes para seus filhos e netos, para que eles também possam encontrar toda essa energia e se revigorar nas mesmas festas e brincadeiras, onde tem sempre a sensação de recomeço após a embriaguez e cartase do período festeiro. Além da alegria a festa ainda traz a oportunidade do cearense obter lucro, pois onde há festa há vendedores ambulantes vendendo diversos produtos nas feiras ou no meio do povo.

Nos bairros de nossa cidade, Fortaleza, independente das festas organizadas pela prefeitura ou governo estadual, continuamos com as festas que o povo dá a si mesmo, deles e para eles. Poderíamos citar como exemplo a Matança do boi que ocorre no dia de São Sebastião (20 de janeiro) no Pirambu organizada pelo mestre Zé Pio, a procissão e folia em homenagem a São José as margens do Rio Siqueira, as homenagens a São Pedro na procissão de jangadas no bairro do Mucuripe, a festa da Carnaúba organizada pela comunidade Tapeba de etnia indígena, as comemorações natalinas com pastoris e lapinhas entre outras.

2. Jangadeiros e agricultores entre cocos, bois, fé e folia

As manifestações populares que citamos têm como brincantes, jangadeiros, agricultores e donas de casa. Porém diante de toda a folia que participam encontramos uma série de dificuldades que este povo enfrenta como a especulação imobiliária, o analfabetismo, a grilagem de terra, a degradação dos recursos naturais e a pesca predatória.

Os pescadores do Ceará sofrem com a renda mensal de até um salário mínimo para suprir todas as suas necessidades básicas. Também lidam com as más condições de trabalho, como o perigo de estar em alto mar, o forte sol, e problemas com a própria jangada.

Já os agricultores sofrem tanto com a seca como com abundância de chuvas que inundam suas plantações, enfrentam a escassez de água com um sentimento de revolta, pois existe água nos reservatórios e o que falta é vontade política para se resolver o problema.

Com todas essas dificuldades, e com mais outras que nem podemos imaginar, esses trabalhadores participam de festas, e brincadeiras onde encontram força e motivação para continuar sua jornada de vida.

As festas aos santos servem para dar a todo esse povo, esperança de melhores condições de vida. O povo que sofre com a seca, por exemplo quando chega a época das chuvas, prepara-se para homenagear São José (padroeiro do Ceará), pedindo bençãos e dias fartos e felizes. Homenageiam os santos da melhor forma, com muita alegria e brincadeira. Oswald Barroso (videoano) diz que o povo faz promessa a São Gonçalo, dançando, fazem promessa a Santo Antonio bebendo cachaça e adoram o menino Jesus fazendo morrer e ressuscitando um boi de brinquedo. Na sua fé brincante infinita homenageiam a paixão de Cristo com máscaras de caretas e a Padre Cícero com os bacamartes. Assim, o povo cearense faz da festa uma homenagem, faz da dança uma promessa, fazem de tudo a alegria para enfrentar os males da vida.

3. Porque eles simplesmente dançam e encantam e se encantam espantando o desafeto – eles por eles mesmo

Em nossas pesquisas, nos preocupamos em fazer as perguntas principalmente às crianças, pois são o futuro além de ter uma facilidade em expressar a verdade do que sentem e quem provavelmente irá dar continuidade aos grupos em que participam.

Na festa do Pau da Bandeira, em Barbalha, CE, durante a alvorada, ao som das bandas cabaçais, perguntei ao José Davi, de 13 anos, um dos integrantes da Banda Cabaçal São José

o que lhe motivava para continuar na banda, e ele respondeu: “Gosto muito de tocar, porque me sinto bem, fico feliz, e também gosto muito de aprender a fazer os instrumentos que nem meu pai”.

Durante o II Congresso Cearense de Folclore também em Barbalha -CE, durante uma conversa com os carregadores do pau da bandeira, perguntamos sobre o que os incentivava a carregar o pau. Um dos carregadores deu seu depoimento falando sobre um acidente que ia acontecendo com ele, e que por algum milagre isso não ocorreu, e nos disse que o fato de estar bem era o que lhe motivava. Fizemos uma pergunta a outro carregador de como se sentia ao carregar o pau da bandeira, ele nos disse que se sentia outro homem, de mais força e fé.

Em Setembro fizemos uma visita ao Mestre Zé Pio do Bumba-meu-boi Ceará e Reisado, onde conversamos com ele e uma integrante.

Zé Pio, nomeado Mestre da Cultura, nos contou como foi sua história de vida e quais foram suas dificuldades. Nasceu em Fortaleza Ceará, perdeu o pai aos 3 (três) anos, e vivia só com sua mãe que era lavadeira, passando por muitos problemas como a fome. Foi pescador, educador social. Sua primeira ligação com o boi foi através de seus tios, que já brincavam. Até chegar ao Boi Ceará seu grupo atual, mestre Zé Pio passou pelo Boi Rei de Ouro, Boi Garoto, Boi Ceará, Boi Juventude. Quando foi participar do Boi Garoto, lhe chamaram para ser capitão, mas ele queria mesmo era ser vaqueiro, pois era seu sonho, seu maior prazer. Com incentivo de uma ciumenta namorada, (como ele mesmo nos conta) mestre Zé Pio criou seu próprio grupo de boi. Além das dificuldades com o pouco dinheiro que ganhava, mestre Zé Pio também passou a ter novos problemas, pois não tinha condições para fazer as roupas. Mas nada desestimulou o mestre, pois a brincadeira do boi era o que ele mais gostava de fazer. E hoje seu boi possui uma sede, fazem muitas apresentações tem seus instrumentos, e um número de 25 a 30 brincantes.

Mestre Zé Pio nos disse que com o seu grupo de boi ele deixou o vício da bebida e dos cigarros, e acreditava que tinha se tornado um homem melhor. E é isso que ele passa hoje para as crianças do seu grupo, que com o boi ele se tornaram pessoas melhores, mas também para isso é necessário estudar, e ajudar a família nos cuidados da casa.

Silmara, uma das integrantes do Boi Ceará, tem 12 anos e está a 2 anos no boi. Perguntamos a ela o que mudou na sua vida depois que entrou no boi. Silmara disse que foi muito bom, pois ela ficava muito brincando nas ruas, e disse que se sentia mais alegre quando estava no boi, que não poderia mais viver sem, e que tinha sido algo que mudou a sua vida.

Conseguimos com as entrevistas defender sobre como o povo simples combate o desafeto, confirmamos que a dança, a festa, são as válvulas de escape para este povo. Porém o que não conseguimos mostrar neste artigo foi à expressão de cada um deles, foi o brilho do olhar ao falar de querer ser igual ao pai como foi o garoto da banda cabaçal, ao falar do que o boi se tornou na vida daquela menina e de outras crianças também, foi o orgulho de ser o que hoje um mestre da cultura, no caso o Zé Pio, e de quando estávamos falando do que sentiam, porque gostavam tanto de estar ali, naquela manifestação. Esse olhar, esse prazer, foi mais forte que a própria fala.

4. Considerações finais

Na festa, na simplicidade da brincadeira aqueles que sofrem na vida encontram no meio da manifestação um refugio, uma forma de terem mais liberdade, um jeito de sonhar com o que gostariam de ser. Sonham em serem princesas, reis, rainhas, mesmo que seja de reisados e de bois, sonhar em ter para todas as horas a alegria e o encanto dos caretas. Desejar serem sempre fortes, cheios de fé, que nem os carregadores do pau da bandeira. Sonhar em sempre ter os pés firmes como quando estão sapateando nos cocos. Sonhar em serem tão importantes como os capitães dos bois ou como as mestras e contramestras do pastoril. Mas o maior sonho deste povo simples é melhorar as condições de suas vidas e sempre poder brincar e festejar, sabendo que no dia de amanhã terão mesa farta, casa própria, filhos na escola e um emprego digno.

5. Referências Bibliográficas

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes. Danças e Folgedos. Aracaju, e/a 2003.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Cultura Popular Brasileira. 2^a ed.. São Paulo: Melhoramentos, 1973

BARROSO, Oswald. Reis de Congo. Fortaleza: Editora Gráfica Vt Ltda, 1997.

_____. Vídeo Festas Populares – s/d

FILHO, Américo Pellegrini. Danças Folclóricas. 2^a ed. São Paulo: Esperança, 1986.

MACENA FILHA, M.L. O Potencial Turístico das Festas Populares de Fortaleza. Fortaleza, Universidade Estadual do Ceará, 2002. 214p (Dissertação de Mestrado)

PIMENTEL, Altimar de A. Teatro de raízes populares. João Pessoa: Gráfica Mundial e Editora, 2003.

¹ Programa televisivo de grande audiência, canal 12(TV jangadeiro) que apresenta reportagem de cunho policial e social.